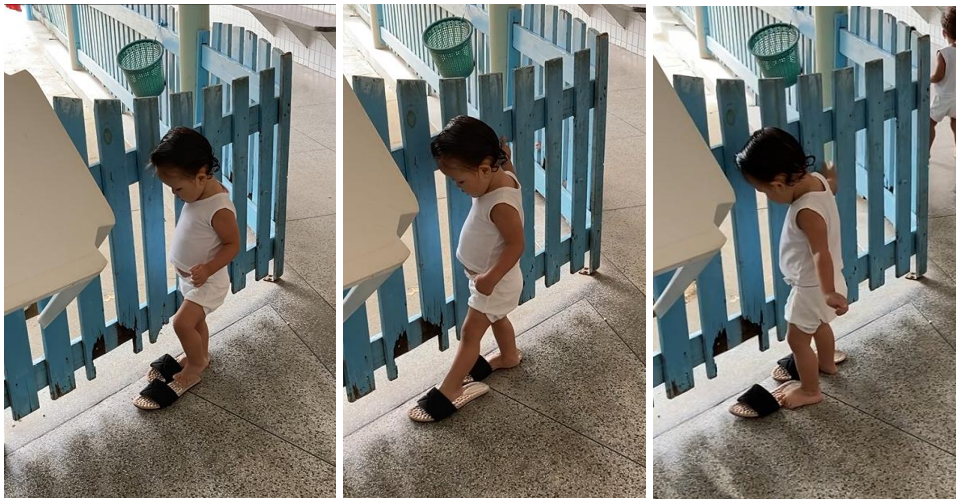
AUTONOMIA NA PRIMEIRA INFÂNCIA: LIBERDADE E APRENDIZADO

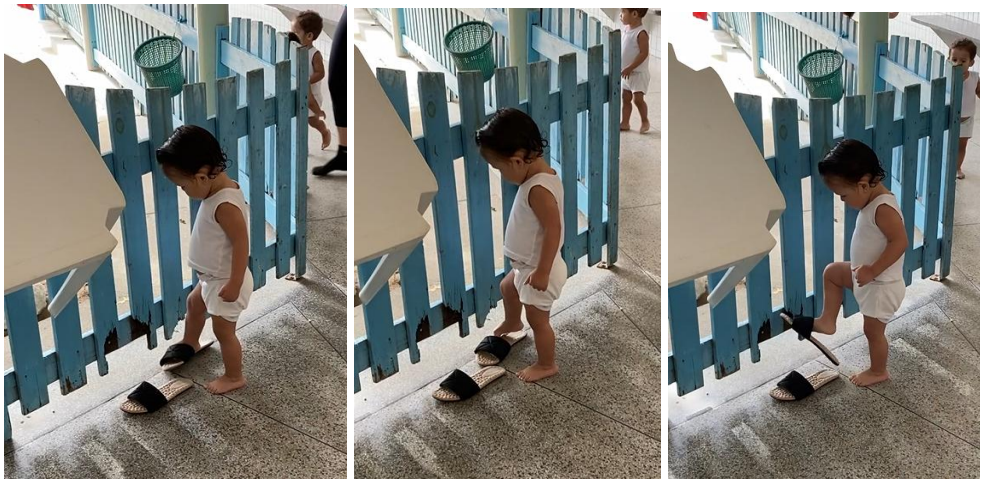
Isabela Sarah Trigueiro Custódio de Brito[1]
Andrêssa Glaucyara Silva Ramos[2]
Lavínia Brasilino de Moraes[3]

O presente trabalho trata da autonomia na primeira infância, mais especificamente com bebês de 1 ano. Sabe-se que a infância é uma categoria geracional, como aponta Sarmento (2005), que assim como outras - raça e etnia, por exemplo - é utilizada para estruturar a sociedade e organizar as relações sociais, reunindo sujeitos de uma classe etária definida que vivem suas diversas infâncias. Há uma discussão no campo das pesquisas com bebês sobre a inserção destes nessa categoria da infância, no sentido de incluí-los como uma subcategoria específica dentro dessa categoria geracional, uma vez que há especificidades próprias do desenvolvimento dos bebês. A singularidade desses sujeitos que articulam suas agências com uma dependência em relação aos adultos, indivíduos mais experientes na cultura, é um indicativo da necessidade de olhar para os bebês no intuito de compreendê-los enquanto sujeitos sócio-culturais, de direito e históricos, que interagem e dialogam com a cultura e produzem-na, partindo da premissa de que "cada bebê é uma pessoa com subjetividade distinta e de que o processo de individuação é mediado pela relação de cuidado" (Silva; Neves, 2020, p. 8). Dessa forma, o olhar para esses sujeitos deve ser no sentido de observá-los em seus processos de desenvolvimento, interação social e participação nas práticas culturais de maneira autônoma, isto é, a partir da livre agência destes, considerando também a dependência relativa que possuem em diversos aspectos e atividades. Concordamos com Silva e Neves (2020, p. 8) quando se acostam a uma concepção de bebês que "envolve a compreensão de um ser humano que instaura e atualiza o mundo como lugar do novo, do desconhecido, a ser explorado, conquistado, apropriado, transformado. As ações dos bebês evidenciam esse movimento em direção à exploração do mundo sensível". Objetivamos neste trabalho, portanto, refletir sobre como a autonomia dos bebês pode ser um pilar para uma educação respeitosa que os considere como sujeitos sociais e de agência; uma educação, portanto, comprometida com o combate ao

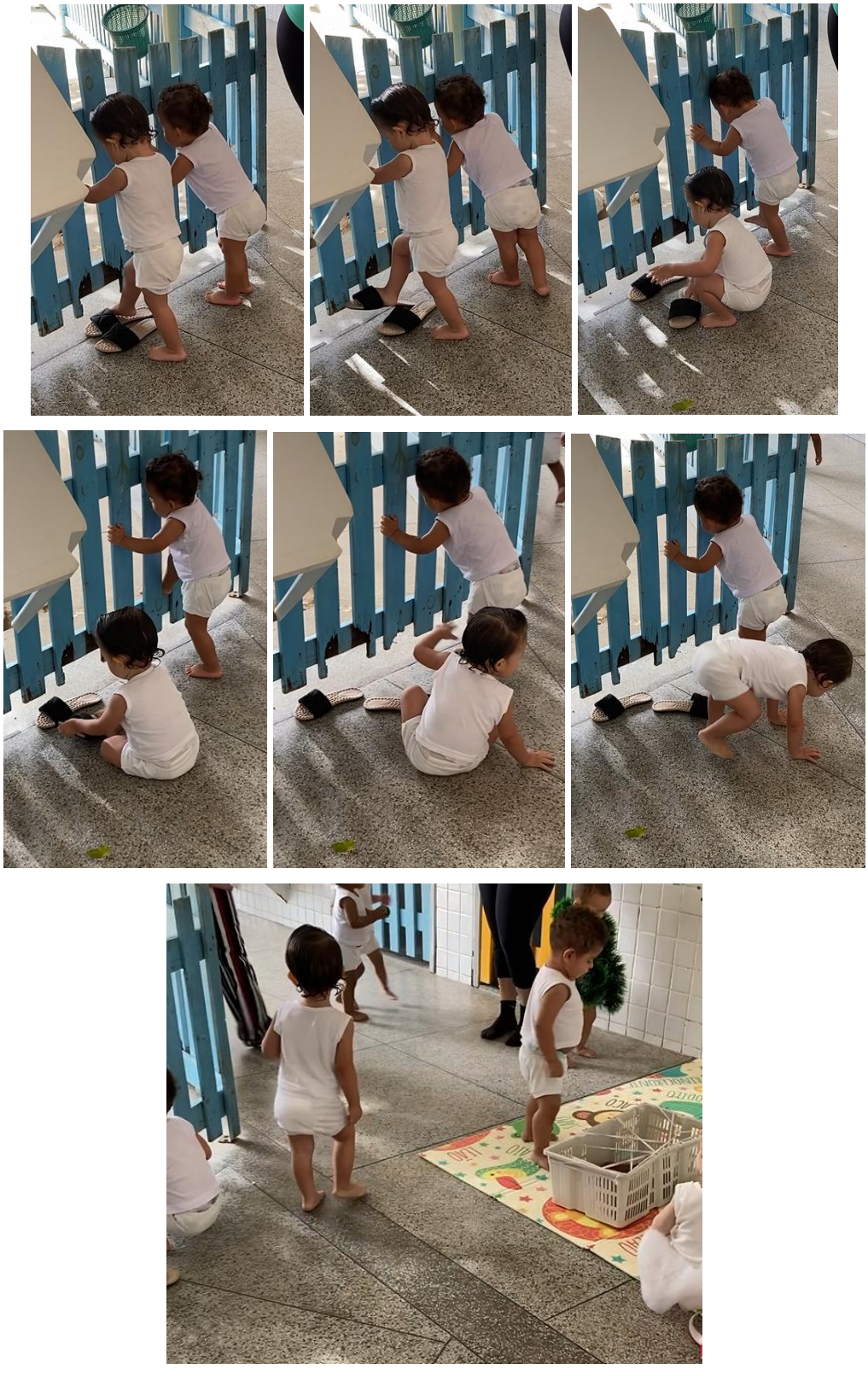
[1] Mestranda em Educação (PPGED-UFCG). Pedagoga (UAED-UFCG). E-mail: i.belasarah@gmail.com
[2] Mestranda em Educação (PPGED-UFCG). Pedagoga (CFP-UFCG). E-mail: andressa.glaucy02@gmail.com
[3] Mestranda em Educação (PPGE- UESC). Pedagoga (UESC). E-mail: lbmoraes.ppge@uesc.br

assujeitamento dos bebês. Para isso, empreendemos uma análise de uma narrativa visual capturada com uma câmera fotográfica durante uma observação de bebês no contexto de creche pública no município de Campina Grande/PB, produzida a partir de um recorte de uma pesquisa de mestrado sobre o cotidiano nos berçários dessa localidade. Para tanto, compreendemos a autonomia na primeira infância a partir de Tardos e Szanto-Feder (2004), que defendem a potência dos bebês para a realização de atividades de maneira autônoma, desde que sejam proporcionadas as condições materiais e de segurança necessárias. As autoras afirmam que as ações propostas, iniciadas, executadas e finalizadas pelos bebês de maneira independente são mais enriquecedoras e lhes trazem maior desenvolvimento quando comparadas àquelas intermediadas por adultos. Um papel fundamental desempenhado pelo adulto, portanto, é observar as ações dos bebês e estar à disposição desses, compreendendo-os e auxiliando apenas quando necessário. Vieira (2018) aponta que a concepção benjaminiana de infância posiciona a criança enquanto um sujeito repleto de curiosidade e criatividade para explorar o mundo. Dessa forma, pontua ainda que o encontro da criança com objetos da cultura é permeado por interações impulsionadas pela curiosidade e, inspirando-se em Benjamin (1986), compreende que "[...] esse encontro se configura como um momento que enseja a criança a explorar o objeto pela manipulação e pela percepção de suas propriedades e relacioná-las em seu mundo de vida sob uma liberdade de apropriação e associação" (Vieira, 2018, p. 376). Assim sendo, tocar, sentir, provar, conhecer e ressignificar os objetos são ações próprias das crianças que, curiosas e criativas, encontram elementos que despertam sua curiosidade nos diversos espaços por onde circulam. Imbuídos dessa perspectiva, apresentamos a seguir uma sequência de imagens que compõem uma narrativa visual produzida com uma bebê de 1 ano e 4 meses no mês de dezembro de 2023 em um dia de observação no berçário de uma creche municipal. As fotografias foram capturadas a partir do despertar da atenção da pesquisadora para a ação da pequena Daniella, que se deteve durante alguns minutos na tarefa de tentar calçar as sandálias de uma de suas professoras, quando o grupo estava no corredor da creche brincando livremente com brinquedos disponibilizados no chão.









Sequência: Daniella e as tentativas de calçar um par de sandálias
Fonte: Arquivo das autoras, 2023.

As imagens apresentadas acima trazem capturas de instantes, recortam um espaço, um tempo e um grupo de sujeitos, centralizando a narrativa visual em uma sequência de momentos de

experiências infantis. Nestas, há registros de Daniella tentando calçar as sandálias de uma de suas professoras. Para isso, ela se apoia no cercadinho e tenta calçar as duas. Posteriormente, as retira. Em seguida, experimenta um novo modo, calça apenas no pé direito, toca o chão e também o ar, movimentando a perna, se desafia. Desiste, se volta para o lado e observa outra criança brincando. Logo, ambas retornam ao cercadinho e nele se apoiam. Daniella segue experimentando o objeto, calça, senta no chão e o toca com as mãos. Levanta-se e segue em direção a professora e demais crianças. Os instantes fotografados nos remetem às reflexões de Vieira (2016) que, ao discutir sobre as experiências das crianças no espaço-ambiente da Educação Infantil, registra que vislumbra-se assim "a conformação de um rito que a criança vivencia nesse espaço-ambiente por meio da conquista de sua autonomia moral e cognitiva. A cada momento a criança experimenta a condição de sujeito em ação e em relação aos demais elementos do espaço-ambiente" (Vieira, 2016, p. 91). As fotografias capturaram instantes. Instantes de crianças inseridas em um determinado espaço da creche, composto por elementos diversos. A narrativa apresentada expressa corpos em movimento, crianças se apropriando do mundo, desenvolvendo sua autonomia, interagindo com os elementos presentes no espaço, mas sendo também este um espaço de interações entre pares. Nesses instantes, percebe-se que a atividade autônoma da pequena Daniella se realiza, ainda que ela não tenha obtido êxito em calçar totalmente as sandálias, a partir de uma ótica externa. As imagens mostram que a bebê se envolve na experimentação com o elemento material, manifestando seu interesse espontâneo nessa atividade, que diz respeito a uma prática social, isto é, uma aprendizagem a ser realizada pelos sujeitos no desenvolvimento de suas atividades de cuidado independente consigo mesmos. É possível perceber que a partir de sua intenção ela tenta caminhos e estratégias diferentes, muda o foco da ação e termina por se envolver em outra atividade, ainda que a anterior não estivesse plenamente concluída. Compreendemos que há uma significatividade em tal movimento, quando a ação é vislumbrada, planejada, executada e encerrada pelo próprio bebê. A partir desta e de outras explorações semelhantes vão se construindo as habilidades e práticas sociais de maneira plena nesses sujeitos, protagonizando as ações a partir da liberdade assegurada a eles, uma vez que a não interrupção da ação de Daniella, neste caso, foi fundamental para que ela escolhesse as ações e o percurso que iria empreender. A sequência visual apresentada evidencia a capacidade que os bebês têm de desenvolver sua autonomia enquanto exploram o ambiente. Daniella tenta calçar um par de sandália e para isso cria estratégias diversas. Enquanto cria estratégias, a menininha aprende. Não houve intervenção ou repreensão do bebê durante suas tentativas por parte de um adulto, o que a permitiu experienciar a tentativa de calçar no seu tempo e ritmo. Nesse sentido, o espaço da creche pode

ser um ambiente ideal para o desenvolvimento autônomo dos bebês, desde que estes sejam incentivados a se empenharem em atividades cotidianas, como por exemplo o autocuidado e também o cuidado com o outro. Por meio disso, cada momento pode se transformar em uma oportunidade de descobrir, aprender e crescer. Dessa forma, o professor tem um papel fundamental para pensar esses espaços e oferecer as condições necessárias para que a criança pequenina desenvolva sua independência de forma gradual e segura.

Palavras-chave: Bebês. Autonomia. Narrativa visual.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da Sociologia da Infância. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, Maio/Ago. 2005.

SILVA, Elenice de Brito Teixeira; NEVES, Vanessa Ferraz Almeida. Os estudos sobre a educação de bebês no Brasil. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, RS, v. 24, p. 1-19, 2020.

TARDOS, Anna; SZANTO-FEDER, Agnès. O que é autonomia na primeira infância?. *In*: FALK, Judit (org.). **Educar os três primeiros anos**: a experiência de Lóczy. Araraquara: Junqueira&Marin Editores, 2004. p. 39-52.

VIEIRA, Daniele Marques. Imagens benjaminianas para pensar relações entre infância, educação de crianças pequenas e natureza. **Revista Contrapontos**. UNIVALI (Online). v. 18, p.374 - 389, 2018. Disponível em: https://periodicos.univali.br/index.php/rc/article/view/13221. Acesso em: 04 maio 2024.

VIEIRA, Daniele Marques. **Imagens da experiência educativa de professores da educação infantil no espaço-ambiente do Proinfância.** 2016. 228 f. Tese (Doutorado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.